



## **Documentário: Minas Em Prosa E Verso<sup>1</sup>**

Larissa Rayan Pereira ROCHA<sup>2</sup>

Lidiane da Silva SANTOS<sup>3</sup>

Faculdades Integradas do Norte de Minas, Montes Claros, MG

### **Resumo**

O artigo Documentário: Minas em Prosa e Verso pretende divulgar a experiência de mídia-educação proposta pela professora Maria Alice Pereira Rocha e vivenciada pelos alunos da Escola Estadual Professora Silvia de Alencar Zschaber durante os dez anos de execução do projeto Intercâmbio Cultural Minas em Prosa e Verso. Diante disso, foram pautadas a importância da mídia na construção da sociedade e a eficácia do uso dos veículos de comunicação, em especial as cartas, como instrumentos de reforço pedagógico. O artigo é um Projeto Experimental que usa como produto de comunicação um documentário, baseado na subjetividade para compor o relato dos fatos. Seu formato evidencia a influência do audiovisual, que atrai e seduz o espectador. O gênero foi escolhido também por sua identidade opinativa, que possibilita ampla liberdade na exposição das informações.

### **Palavras-chave**

Cartas, Documentário, Educomunicação, Intercâmbio, Mídias e Educação.

O Documentário: Minas em Prosa e Verso aborda as experiências da professora Maria Alice Pereira Rocha na Escola Estadual Professora Silvia de Alencar Zschaber, na cidade de Buritizeiro - MG. O artigo mostra como ações simples e dinâmicas, transformam a realidade dos estudantes. O projeto Intercâmbio Cultural Minas em Prosa e Verso, desenvolvido em parceria com escolas de oito cidades durante doze anos, mostra que é possível trabalhar a mídia educação de forma eficaz, até mesmo com recursos escassos.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi composto por pesquisas bibliográficas em livros, artigos, sites; visitas *in loco* para coleta de dados e entrevistas presenciais com personagens envolvidos. Os testemunhos foram registrados para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduada no curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Funorte. e-mail: larissarochap@gmail.com

<sup>3</sup> Docente do curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Funorte. e-mail: liussilva@gmail.com



composição do vídeo documentário Minas em Prosa e Verso, que buscou uma linguagem poética para relatar, em consonância com o objeto de estudo, a história vivida pelos personagens dessa iniciativa educacional. A escola de Buritizeiro e suas escolas parceiras iniciaram também uma jornada baseada na premissa básica da profissão de professor e ponto chave do conceito de educação, que é ser mais que um imperativo de conhecimentos.

## **Educação**

A comunicação humana atua como permuta de informações entre sujeitos e objetos. Dentre seus campos técnicos, a comunicação social engloba o conhecimento e estudo acadêmico nos ramos do jornalismo, relações públicas, publicidade, audiovisual e mídia. Cláudio Luiz Aguiar, Milena F. A. Parente e Ariane Pereira, em *Aplicação da educação por meio do jornal impresso* acrescentam que a “comunicação foi a última das ciências que se desagregou da filosofia, uma ciência recente, quando comparada às outras, que busca novos caminhos para a disseminação de propostas comunicacionais” (2009. p. 02). Para os autores, uma de suas possibilidades é a educação, que auxilia na propagação de conhecimentos específicos. A presença e influência dos veículos de comunicação na sociedade estão diretamente associadas à produção jornalística. Juarez Bahia, em *Jornalismo online e prática profissional* conceitua a palavra jornalismo como o ato de “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, idéias, acontecimentos e informações gerais como veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”. (apud PUCCININ, internet).

Bahia afirma ainda, que todo o trabalho jornalístico é baseado na apuração sistemática de informações e que esse fundamento “trata-se exatamente do cerne do trabalho de reportagem e sobre o qual se assenta toda a formação e prática jornalística” (apud PUCCININ, internet). Enquanto a comunicação influencia na formação da sociedade, a escola atua para desenvolver cidadãos, oferecendo aos estudantes ensinamentos fundamentais para viver e trabalhar acompanhando a evolução do mundo. Sendo que esta última carga potencial considerável na construção de uma realidade de justiça, baseada nos valores da igualdade. Como referência na formação do indivíduo, a escola deve ser democrática por excelência. Assim sendo, coligar educação e comunicação é valer-se do potencial dos elementos midiáticos para aperfeiçoar os



processos de aprendizagem. Por isso, Aguiar, Parente e Pereira conceituam a educomunicação como:

conjunto de ações com o objetivo de fortalecer os processos comunicativos e melhorar seus resultados, desenvolvendo nos usuários dos meios de comunicação um espírito crítico e, assim, propiciar uma adequada utilização das informações em práticas educativas que possibilita a ampliação da capacidade de expressão das pessoas. (2009, p. 02)

Neste sentido, a autora Maria Luiza Belloni, no livro *O que é mídia-educação*, reforça que, atualmente, para a sociedade da informação exercer seu papel plural, é necessário, mais do que nunca, proporcionar a todos os cidadãos “as competências para saber compreender a informação, ter o distanciamento necessário à análise crítica, utilizar e produzir informações e todo tipo de mensagens.” (2009, p. 01). O educador é o elo que aproxima a escola da comunicação. A professora francesa Genevieve Jaquinot no artigo *Aplicação da educomunicação por meio do jornal impresso*, afirma que o professor deve tomar posse de seu papel diante do contato “que o aluno mantém com a comunicação em seu dia-a-dia, seja em casa ou na lan house e a escola deveria ajudar a compreender os meios e vice e versa” (apud AGUIAR; PARENTE; PEREIRA, 2009, p.04). O Educador é

um profissional da educação e da comunicação, que valoriza os conteúdos informativos e a sua representação do mundo e que introduz os meios como objeto de estudo não para criar pseudos jornalistas, mas para ensiná-los a analisar do ponto de vista do poder econômico e ético, as montagens do discurso e da cena que constituem as mensagens. Esse profissional deve ser aquele que entende e aceita que o aluno pode lhe ensinar no manuseio das novas ferramentas tecnológicas, que se permite construir progressivamente, no seu aluno, um pensamento rigoroso, aprofundado e crítico. (AGUIAR; PEREIRA; PARENTE, 2009, p. 04).

Entretanto, o profissional da educação lida hoje com a baixa qualidade, repetência, ineficiência e iniquidade. Em dados alarmantes, Eunice Ribeiro Durham, José Goldemberg e Simon Schwartzman (1993) na obra *A Educação no Brasil em uma perspectiva de transformação*, apontam que em termos qualitativos, a realidade é preocupante.

O seu sintoma mais grave são as grandes taxas de repetência na educação básica, que tendem a ser superior a 50% para os alunos de primeira série de primeiro grau. O estudante brasileiro permanece em média 8,5 anos nas escolas, mas só consegue chegar até a sexta série de escolarização. Comparado com a repetência, o problema da evasão escolar precoce é relativamente menor, atingindo a somente 2.3% dos alunos de primeiro ano, mas alcançando marcas mais significativas na medida em



que os fracassos educacionais se acumulam, chegando a 32% ao final da quarta série. (DURHAM; GOLDEMBERG; SCHWARTZMAN, 1993, p. 14)

O professor não pode ser culpado pelo baixo desempenho do aluno. Ele é vítima e refém do sistema decadente em que o ensino do país está inserido. Luis Carlos Menezes, no artigo *O papel do professor: repensando a prática pedagógica rumo a educação de qualidade*, ressalta que

é comum ouvir dos colegas (professores) que nossos alunos não sabem o que seja sujeito e predicado. Costuma-se atribuir tal fracasso a várias causas, de diversas naturezas. Certamente nem todas as causas são de nossa responsabilidade. Mas raramente admite-se que as teorias e metodologias que dão suporte a esse ensino podem não ser as mais adequadas. (apud FONSECA, internet).

Vanessa Zandonade e Maria Cristina de Jesus Fagundes, no artigo *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*, afirmam que “o audiovisual é um meio eficaz na mediação do processo de apropriação do conhecimento, porque comporta em sua composição vários elementos de linguagem que propiciam uma compreensão em vários níveis” (apud ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p. 37). Neste contexto, a mídia, atua, no “centro nas mutações técnicas que colocam novas questões (sociais, econômicas, políticas, educacionais) cuja compreensão é fundamental para a cidadania”, como destaca Maria Luiza Belloni, em *Mídia educação, histórias e perspectivas* (2009, p. 12).

Maria Isabel Orofino, em *Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade*, cita como Silverstone enfatiza que a escola é mais que um ambiente de leitura e recepção crítica dos meios. “Assim a escola passa a contribuir com um debate mais amplo que alimenta uma reflexividade social junto à organização da sociedade civil frente ao conteúdo apelativo, aos exageros do mercado e abusos ideológicos e estéticos que a mídia veicula.” (SILVERSTONE apud OROFINO, 2005, p. 41). O trabalho do professor deve ser, então, pautado na realidade social dos indivíduos e discerní-los como atores de sua própria história. Assim, a dúvida principal é de como se pode inserir o debate sobre as mídias dentro da escola. Maria Luiza Belloni, em *O que é mídia-educação*, orienta que para vencer o desafio da educação para as mídias

é preciso integrar as tecnologias da informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. Isto exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em: formação de professores; pesquisa voltada para as metodologias de ensino; nos modos de



seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos; materiais didáticos e pedagógicos, além de muita, muita criatividade. (BELLONI, 2009, p. 10)

A formação do professor educador, nesta perspectiva, perpassa o conteúdo pedagógico. Tomando como base a Licenciatura em Educação da USP, esse novo profissional

necessita desenvolver habilidades para cobrir as demandas de três diferentes âmbitos de ação: o magistério (o professor da área da comunicação), a consultoria (o assessor para projetos de comunicação educativa) e a pesquisa (analista e sistematizador de experiências em educação). Explicando melhor: trata-se de um profissional em condições de atender às demandas do ensino formal (é licenciado, por isso pode lecionar). (SOARES, 2011, p. 67)

Soares complementa que essa nova realidade leva o educador a reconhecer que não existe mais um “monopólio da elaboração de conhecimento” (apud AGUIAR; PARENTE; PEREIRA, 2009, p. 04). Buscando essa interação, a escola pode desenvolver o trabalho da educação por meio dos diversos segmentos da mídia: rádio, TV, internet e impressos. Nesse contexto, os educadores podem desenvolver a educação explorando todos os formatos de mídia, como por exemplo um das diversas formas de produção escrita: carta, jornal, mural, revista, fanzine, cartazes, entre outros. Assim, a carta pessoal se apresenta como uma forma “alternativa de ação didática para o estudo da língua e do discurso no ensino médio, buscando evidenciar aos professores que existem novos caminhos para incentivar e promover estratégias adequadas” (apud ANDRADE; CUNHA, 2008, Internet). Mesmo tendo sua origem na antiguidade, esse veículo aplica de forma completa a produção e interação da educação com a comunicação.

Utilizada pelas diversas esferas sociais como a religião, a escola, o jornalismo, a literatura, publicidade e, atualmente, o e-commerce, a correspondência tem participação marcante na língua e na literatura, e por consequência na história da sociedade. Sua eficácia como objeto educador, comprova que, mesmo diante das dificuldades, é possível melhorar os resultados dos alunos através da educação. Tais iniciativas de mídia educação são representadas pelo presente trabalho em forma de documentário. Esse gênero, que atende tanto ao fazer jornalístico como à produção cinematográfica, traz ao presente projeto um pano de fundo que alcança necessidade eminente dos meios de comunicação em produzir novas formas de transmitir os fatos.



## Documentário

O filme documentário marca o nascimento do cinema. Após a descoberta dos irmãos Lumière, a filmagem e exibição de cenas do cotidiano da sociedade ganham importância. De acordo com os apontamentos da Enciclopédia Mirador Internacional, no início do século XX, vários foram os experimentos financiados por verbas empresariais particulares, que proporcionaram experiências de cunho publicitário, como a cobertura da trágica expedição Scott pelo Polo Sul, produzida pelo cinegrafista inglês Hebert Pointing. Durante a Primeira Guerra Mundial, os cinegrafistas ampliaram e aperfeiçoaram suas técnicas de filmagem, sendo que os ingleses, que já entendiam os métodos, passaram a explorar ainda mais o documentário como publicidade.

O documentário confere à sétima arte característica oposta ao filme de ficção, sendo que seu roteiro assume o relato dos fatos reais. Na América, Robert Flaherty desenvolvia uma produção documental sensível e honesta. O explorador produziu, em 1922, o filme *Nanook, o esquimó*. Entre o movimento de vanguarda, o maior destaque é do holandês Joris Ivens, com estilo impressionista e lírico, como no título de publicidade *Phillips radio e Zuyderzee* (1930). A partir da criação da famosa escola inglesa do documentário, orientada e animada por John Grierson, o filme documental desenvolveu várias técnicas, que ganharam classificação de “tratamento criativo da realidade”. Esse movimento absorveu várias tendências: teorias de Vertov, Eisenstein e Pudovkin, bem como de Joris Ivens e Flaherty.

A Enciclopédia Mirador registra também que no Brasil, desde cedo, estabeleceu-se uma tradição do documentário, começando suas atividades por Alberto e Paulino Botelho, Luís Tomás Reis e Silvino Santos, respectivamente, em 1908, 1910 e 1910. “Após 1950, os cinemas latino-americanos recorreram ao documentário muitas vezes com extraordinário acerto” (MIRADOR, 1992, p. 2444). Nas décadas de 1960 e 1970, início do moderno documentário brasileiro, as produções nacionais do filme documental exerceram o “papel de escola para cineastas” (ALTAFINI, 1999, p. 02). De acordo com Consuelo Lins e Claudia Mesquita, em *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*, o documentário seguia sua trajetória de “gênero menor” quando o gosto pelo real incentivou a produção mundial, a partir da década de 1960, e a produção nacional, desde a década de 1990. As autoras ressaltam que “o documental brasileiro da retomada é, de um modo geral, longo e almeja a tela grande: desde 1996, foram lançados mais de 100 longas documentais brasileiros. Por



outro lado, programas públicos de fomento via editais, cujo principal exemplo é o DOCTV”. (LINS; MESQUITA, 2008, p.13).

Lins e Mesquita consideram tais novidades do cenário cinematográfico muito importantes para valorização e destaque do filme documental. “Uma delas é o fato de o documentário ter conquistado a ‘tela grande’ do cinema, janela do mercado até então interdita a esse gênero” (LINS; MESQUITA, 2008, p.13). O exercício do documentário ganha impulso após o barateamento e a disseminação do processo de realização dos filmes, possibilitado pelo surgimento das “vantagens técnicas, econômicas e estéticas dos equipamentos digitais sobre os analógicos” (LINS; MESQUITA, 2008, p. 11) que permitem o desenvolvimento de filmes a custos mais acessíveis além dos “estímulos objetivos à produção de cinema, uma legislação de incentivo. Políticas cujos principais instrumentos são a Lei do Audiovisual e a Lei Rouanet.” (LINS; MESQUITA, 2008, p. 11).

Consuelo Lins e Cláudia Mesquita ressaltam que os festivais de cinema possibilitou grande espaço para exibição do documentário. As autoras descrevem a representatividade de trabalhos como *Notícias de uma guerra particular*, de João Salles e Katia Lund, e como o documentário *Ônibus 174*, de José Padilha e Felipe Lacerda, “se filia mais diretamente às notícias, reutilizando imagens, refazendo entrevistas com alguns personagens e retomando o mesmo tipo de trilha sonora” (LINS; MESQUITA, 2008, p. 14). Existe uma discussão em torno da eficácia do documentário como prática jornalística. Alguns cineastas defendem a teoria de que o gênero tem propriedades diferentes do jornalismo. Zadonade e Fagundes citam que

João Moreira Sales, em debate no programa “Observatório da Imprensa”, veiculado na TVE, no dia 25 de maio de 2003, em que os convidados discutiam o tema A hora e a vez do documentário, afirmou que o gênero tem como principal característica o seu caráter autoral e que, portanto, não pode ser definido como algo jornalístico, já que este deve ser isento e imparcial. Por outro lado, Alberto Dines, apresentador e mediador do programa, discorda da posição de João Moreira Sales e afirma que o jornalismo ideal também pode ser autoral. Segundo ele, a imparcialidade é um mito. (2003, p. 31).

Reforçando a adjacência entre o documentário e o fazer jornalístico, Cristina Melo explica que tal proximidade se dá pelo “fato de o documentário ser um discurso sobre o real e utilizar imagens in loco” (apud ZADONADE; FAGUNDES, 2003, p.32) e que estas são características que aproximam o gênero da prática jornalística. “A produção de documentários realizada por jornalistas evidencia a preocupação em



utilizar um dos quesitos pouco empregados do lead: o porquê”. (MELO apud ZADONADE; FAGUNDES, 2003, p. 32).

Sávio Tarso e Tatiana Carvalho avaliam que “ao olharmos para o documentário vemos um ponto de revigoramento do fazer jornalístico” (apud ZADONADE; FAGUNDES, 2003, p. 32). Para Lins e Mesquita, atualmente, os telejornais e programas de variedade, ao utilizar-se de imagens “registradas por microcâmeras, câmeras de vigilância, amadoras e de celulares, buscando imprimir – ainda que de maneira limitada e doméstica – um ‘efeito de realidade’ à assepsia estética que imperava no telejornalismo até o início dos anos 90” (LINS; MESQUITA, 2008, p. 08). Zandonade e Fagundes afirmam que o documentário pode ser dividido basicamente em dois tipos: clássico e moderno. Respectivamente, o primeiro foi utilizado por John Grierson, em suas produções realizadas na Inglaterra de 1922 e é caracterizado pela evidência publicitária, pelos investimentos financeiros do governo e de empresas particulares. Já no estilo moderno, prevalece uma influência do cineasta na forma como a mensagem chega ao receptor.

Para Lins e Mesquita (2008), no documentário moderno, particularmente, entram em cena as características peculiares do jornalismo. Para as autoras, essa nova linha de produção aborda, de forma crítica e perscrutadora “problemas e experiências das classes populares, rurais e urbanas, nos quais emerge o “outro de classe” – pobres, desvalidos, excluídos, marginalizados” (LINS; MESQUITA, 2008, p. 20-21). Essas autoras reforçam a classificação de Zandonade e Fagundes, evidenciando que o documentário “moderno” faz referência às produções realizadas principalmente por documentaristas ligados ao cinema novo.

As portas para a difusão das produções documentais se abriram quando a TV se estabeleceu como meio de comunicação dominante, a partir de 1969. Como principal exemplo dessa possibilidade, Antonio Brasil escreveu, em seu artigo *Crônica de uma morte anunciada*, que “o programa Globo Repórter é um exemplo de produção documental jornalística de sucesso, realizado na TV” (apud ZADONADE; FAGUNDES, 2003, p. 33). Fora do jornalismo diário, Zandonade e Fagundes apontam que, atualmente, a TV Cultura é o único canal de televisão com sistema de transmissão aberto que dá destaque ao documentário. Outra opção contemporânea para o público em geral é a difusão via rede mundial de computadores. Com o advento da internet, é possível encontrar canais virtuais, como os sites You Tube, Vimeo e Vlog, onde os usuários criam contas gratuitas. A chegada e permanência do Brasil no cenário produtor



e consumidor desse gênero cinematográfico e jornalístico, mostram o quanto o país está ligado à história do documentário.

## **O Intercâmbio Cultural**

Maria Angélica Ferreira Fonseca, em *O papel do professor: repensando a prática pedagógica rumo à educação de qualidade*, conceitua a missão de educar como metodologia permanentemente construtiva. Para a autora, tal processo “tem caráter histórico e cultural, nos quais estamos incutidos todos nós, que representamos concretamente o processo educativo quando agimos em sociedade e nos reconhecemos como parte fundante de uma sociedade que se aproxima pela diversidade humana”. (FONSECA, 2003, Internet). Desde o início de sua carreira, a professora Maria Alice Pereira Rocha dedicou-se a cumprir sua missão de educar. Ela acredita “que o papel do educador vai além de ensinar, pois precisa ser agente de transformação da comunidade onde está inserido”. (ROCHA, 2012, entrevista).

Apoiada pelo objetivo de motivar os alunos a uma produção e comunicação com eficiência e prazer, e baseada nessa necessidade de identificar um cenário, trabalhar discussões, possibilidades e soluções que fazem parte do papel de um educador, é que a professora de línguas Maria Alice Pereira Rocha, no ano de 2003, na cidade de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais, adotou uma possibilidade proporcionada pelo Governo do Estado naquela época. A oportunidade surgiu quando o corpo docente da Escola Estadual Professora Silvia de Alencar Zschaber participou de oficinas de capacitação, ministradas através do PAIE (Programa de Apoio a Inovações Escolares). No programa governamental foram “realizadas oficinas para os docentes, principalmente nas áreas de leitura e escrita, campo que, através de avaliações sistêmicas das salas de aulas, revelou maior dificuldade dos educandos”. (ROCHA, 2012, entrevista).

Como forma de aplicar a capacitação recebida no PAIE, a escola optou por uma oficina de leitura e produção de textos. Maria Alice sugeriu à direção e equipe pedagógica, a produção de um jornal impresso, que contasse com a participação de todas as turmas, coordenado por alunos da 8ª série e Ensino Médio.

Para capacitar a equipe, convidamos um professor de português e dono do Jornal Corrente de Pirapora, José Carlos Costa, um jornal de edição especial, comemorativa do Centenário do poeta Carlos Drummond de Andrade. Para



completar, Buritizeiro sediava o Encontro Estadual da Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes (FCD), no qual eu participei e conheci um grupo de fraternistas da cidade de Itabira. (ROCHA, 2012, entrevista).

O engenheiro Felipe Ribeiro, estudava na Escola Estadual Sílvia de Alencar Zschaber, em 2003, e participou das oficinas de implantação do jornal escolar A voz do estudante. Ele conta que a atividade despertou o interesse dele em buscar conhecimentos diversificados.

Foi uma experiência enriquecedora. Foi possível aprender o processo básico de seleção de reportagem e montagem de um jornal, até mesmo escolher qual seria o melhor formato, para economizar papel e espaço. Participamos do início ao fim, desde a busca e seleção de reportagens até a pré-diagração e organização. (RIBEIRO, 2013, entrevista)

Ao fervilhar da troca de ideias entre amigos, fundiram-se a necessidade de motivar os alunos à escrita e comunicação efetiva e a oportunidade de realizar o projeto de intercâmbio com a cidade de Itabira. “O objetivo era explorar a vida e obra do poeta Carlos Drummond de Andrade, a cultura de Itabira e de Buritizeiro, resgatando o gosto pela escrita, através de uma atividade prazerosa através da comunicação por cartas”. (ROCHA, 2012, entrevista). Nasceu então, o Projeto de Intercâmbio Cultural Minas em Prosa e Verso, que se apresentou como proposta viável pela necessidade e relevância de desenvolver na escola a leitura e escrita. Conectado ao benefício pedagógico, o projeto tinha também a oportunidade de realizar um intercâmbio cultural entre estudantes e funcionários da Escola Estadual Sílvia de Alencar Zschaber (Buritizeiro) com a primeira escola escolhida para desenvolver a parceria do projeto, que foi a Escola Municipal José Gomes Vieira, da cidade de Itabira, Minas Gerais.

A mentora ressalta que o Minas em Prosa e Verso foi criado, principalmente, “com a missão de incentivar uma turma de 8ª série da época, com defasagem série/idade e total desinteresse pelas atividades escolares, à prática da leitura e escrita e elevar a auto-estima desses estudantes (ROCHA, 2006, p. 02). Rocha afirma que a carta pessoal foi o veículo adequando à missão do projeto. “Essa modalidade atende justamente a necessidade de provocar interesse nos alunos, sendo que a correspondência permite a livre criação nos textos” (ROCHA, 2012, entrevista). Nora Esperanza Bouvet confirma a eficácia da comunicação através das cartas e afirma que

uma carta não se restringe nem a uma situação prática (a ausência do destinatário), nem a uma conduta social (uma extensão da voz), nem a um referente objetivo (seu conteúdo), nem a determinações exteriores (as circunstâncias), nem a uma atitude



psicológica (a sinceridade ou seu contrário, o artifício), nem a uma motivação interior (rogar, ferir, informar, convencer), nem a uns caracteres formais (uma retórica, um estilo), nem inclusive a uma enunciação dialógica que reúne não obstante o critério do reconhecimento mais constante. A escritura de cartas é uma prática que existe há mais de quatro mil anos e perpassa diversas atividades sociais (apud ANDRADE; CUNHA, 2006, p. 05).

A carta como instrumento de mediação escolar possibilita trabalhar, dentro e fora da sala de aula, os conteúdos multidisciplinares e, por isso, potencializou a metodologia do projeto Minas em Prosa e Verso. Diretamente e indiretamente, todas as disciplinas participaram como parceiras, e os outros professores incentivaram os estudantes articulando, sempre que possível, os temas abordados com o cotidiano da sala de aula. A avaliação de desempenho dos alunos aconteceu durante todo o processo observando-se principalmente os critérios de “1. Participação nas atividades individuais e coletivas; 2. Criatividade e interesse; 3. Relatos orais e escritos; 4. Auto-avaliação (Para todos os envolvidos).” (ROCHA, 2012, entrevista).

Desde o surgimento, o Minas em Prosa e Verso possibilitou aos participantes trocarem cartas com os estudantes de oito cidades mineiras. Rocha explica que o critério de seleção dos municípios é baseado na cultura local (considerando a presença de personalidades da literatura, história, cultura ou política) e na aceitação por parte de alguma unidade escolar que possa compartilhar as cartas durante o intercâmbio. Além do objetivo principal, que é o aumento do interesse dos alunos pelas atividades escolares, os alunos aprendem também a expandir seus próprios horizontes. Maria Alice Pereira Rocha conta que a realidade de muitos desses estudantes é a periferia e diante disso falta interesse e/ou recursos para conhecer novos lugares. Dessa forma a principal expectativa que se cria entre os alunos é a oportunidade que tem de conhecer, através das cartas e da viagem, o povo e a cultura local de cada município com os quais se correspondem. Danniella Carvalho dos Santos, estudante da oitava série da época, ressalta como, por meio do intercâmbio, ela pode ampliar seus horizontes.

Tivemos a oportunidade de conhecer pessoas novas e trocar informações sobre a realidade dos dois municípios envolvidos no intercâmbio (Buritizeiro e Itabira). Foi sem dúvida uma experiência marcante, posto que abriu os horizontes quanto a oportunidades, possibilidades de mudanças e crescimento enquanto pessoa. No meu caso o projeto que despertou um talento que nem mesmo eu sabia que possuía, o de escrever poemas. Na época em vários momentos usei da poesia para me expressar e ainda hoje trabalho esse dom que encontrei durante o intercâmbio. (SANTOS, 2014, entrevista).



Além do conhecimento pedagógico, eles desenvolvem, com eficiência e de forma divertida, um olhar mais crítico para a própria realidade. Os alunos que participam do projeto se tornam novos e/ou melhores consumidores das mídias,

pois passam a atentar-se aos fatos que acontecem na própria cidade de Buritizeiro, nas cidades com as quais se correspondem e em todo o estado. E mais: sempre que ouvem ou leem uma notícia sobre uma das cidades correspondentes, eles trazem para a sala de aula. O projeto integra todas as formas de comunicação no processo educativo, resultando na formação de alunos críticos e dinâmicos. (ROCHA, 2012, entrevista).

Os números confirmam o sucesso da iniciativa pedagógica. São dez anos de realização do projeto, oito cidades conhecidas e mais de cinco mil alunos participantes, que tiveram suas vidas transformadas de alguma maneira. A professora Maria Alice ressalta que as metas estipuladas inicialmente para o projeto foram superadas em satisfação e resultados. Sendo que a cada etapa, pelo menos 80% das metas foram alcançadas. Assim como a comunicação e a educação, o projeto Minas em Prosa e Verso também precisou incorporar o uso das tecnologias da informação. Diante disso, Rocha destaca que todos os veículos podem e devem ser usados. “O intercâmbio possibilita uma infinidade de situações comunicativas, orais ou escritas. Todas as mídias são amplamente exploradas na escola na maioria das disciplinas”. (ROCHA, 2012, entrevista).

Outra transformação necessária foi dentro da dinâmica do intercâmbio. O projeto, atualmente, precisa incentivar os jovens a continuar os estudos após a conclusão do Ensino Médio. Diante da estagnação do conhecimento, na qual a maior parte dos alunos da cidade de Buritizeiro permanece, a professora Maria Alice sentiu que os alunos precisam enxergar a faculdade como um sonho possível. Danniella Carvalho dos Santos enfatiza o caráter agregativo do intercâmbio. Ela acredita que “quando abrem-se as portas para o novo tudo fica mais interessante. Assim, o projeto certamente aguçou a minha vontade de conhecer lugares e pessoas novas, um dos critérios para a escolha pelo curso de Geografia”. (SANTOS, 2014, entrevista).

O projeto, que nasceu de uma iniciativa isolada e inovadora, representa a realidade de muitas escolas que, diante da situação econômica e social de suas comunidades, precisam se valer de recursos muitas vezes esquecidos para fazer acontecer a melhoria do ensino e aprendizagem do país. Toda escola pode trabalhar a



educomunicação sem que a transformação seja radical, iniciando por pequenas ações, projetos ou programas ou em atividades extraclasses.

### **Documentário Minas em Prosa e Verso**

Fica claro que, além de impulsionar a aprendizagem ativa dos estudantes, o Projeto Minas em Prosa e Verso proporcionou aos alunos um reforço na bagagem cultural. A professora Maria Alice Pereira Rocha reafirma que, nesta fase, eles “se revelam, partilham experiências e sonhos, falam de gostos e desgostos, sem falar que os amigos dos correspondentes se tornam seus amigos também pelas cartas. Descobrem outros alunos pela apresentação da carta”. (ROCHA, 2012, entrevista). Esse compartilhamento de histórias e emoções desperta nos alunos a vontade de vivenciar a realidade dos seus novos amigos, descobertos através das cartas. Por isso, para complementar a experiência dos alunos, a professora Maria Alice incorporou ao projeto uma viagem de culminância das atividades. O intuito era proporcionar aos estudantes uma oportunidade de conhecer lugares diferentes de suas realidades locais. Por consequência, a viagem se torna um momento de concretizar tudo o que eles imaginaram sobre seus correspondentes e as respectivas cidades.

Desse projeto já nasceram belas relações de amizade e companheirismo entre jovens, entre pessoas das cidades correspondentes. Foram descobertas aptidões artísticas e literárias entre os alunos e surgiram até namoros. Para a escola, o intercâmbio é parte integrante do calendário. A família apóia e participa até da viagem. Todas fazem o maior esforço para que o filho participe até a culminância. (ROCHA, 2012, entrevista).

Pela importância do aspecto da bagagem cultural que configura o projeto, pelo fato de que essa ação pedagógica comemora mais de uma década de atividade e pela esfera poética em que nasceu a iniciativa é que o documentário Minas em Prosa e Verso buscou reviver o caminho percorrido, em 2003, pelos alunos que se corresponderam por cartas com a primeira cidade a receber o intercâmbio, Itabira – MG. O roteiro reproduz a viagem feita pela professora Maria Alice Pereira Rocha, a equipe pedagógica da Escola Estadual Sílvia de Alencar Zschaber e os alunos da 8ª série e ensino médio daquele ano. É importante ressaltar que a viagem era apenas um dos tantos momentos de emoção e aprendizagem contidos no projeto de intercâmbio.



O vídeo, produzido com linguagem poética e literária, enfatiza os depoimentos das testemunhas oculares do momento em que o projeto surgiu como marco de uma iniciativa de educomunicação. Tais testemunhos elevam o peso do intercâmbio, que mesmo diante de sua simplicidade, resistiu por mais de dez anos como principal projeto nas escolas que foi realizado. O documentário também mostra como os meios de comunicação tradicionais não morrem, mas sim entrelaçam-se à realidade digital contemporânea, onde a educomunicação se torna também comunicação integrada. À luz das regras de apuração jornalística, essa produção se baseia nos moldes do documentário classificado como moderno, pois fica claro a intenção da produtora e diretora do vídeo em relatar a importância do projeto que ela mesma vivenciou, sendo assim resultado direto e intangível do aprendizado que começou no intercâmbio e permaneceu até a faculdade. Este documentário se tornou, além de produto testemunhal, um disseminador da produtiva experiência de mídia-educação vivenciada pelos envolvidos no projeto.

Os depoimentos foram gravados nas cidades de Buritizeiro, Belo Horizonte e Itabira, em ambientes que explicitassem o tema proposto. As filmagens foram executadas com Canon Mark II com objetivas de 50mm *f*1.4; 85mm *f*1.8 e uma Vivitar Série I 70-200 *f* 2.8. Os equipamentos de suporte foram um tripé Manfrotto, um slider com cabeça Manfrotto, um monopé Manfrotto. O documentário Minas em Prosa e Verso foi produzido e dirigido pela acadêmica Larissa Rayan Pereira Rocha com cinegrafia e pós-produção de Samuel Reis. A edição foi feita através do software Adobe Premiere com pós-produção e tratamento de cor no Red Giant e lettering no Motion Mac. O filme tem duração de 12 minutos e 56 segundos.

### **Considerações Finais**

O TCC Documentário: Minas em Prosa e Verso mostra que a educação passa por um momento de adaptação à presença e transformações desencadeadas pela mídia. O resultado do filme levou a concluir que a educomunicação é um processo inerente à sociedade contemporânea. O projeto experimental expõe depoimentos que demonstram como essas pessoas foram impulsionadas pela importância da educomunicação, presente no Intercâmbio Cultural Minas em Prosa e Verso. Dessa forma, conforme conceitos abordados por Vanessa Zandonade e Cristina Fagundes, tanto o projeto de educomunicação quanto o fazer jornalístico desenvolvido por este documentário,



reforçam o peso agregado ao trabalho do jornalista e dos veículos de comunicação na formação de uma sociedade democrática e evolutiva.

Neste relato, foi ressaltado a eficácia do trabalho desenvolvido pela professora Maria Alice Pereira Rocha em sua comunidade escolar. O produto documental revela ainda, o desejo da mentora do projeto de intercâmbio em propagar e perpetuar essa iniciativa. Mesmo como produção tímida, diante dos diversos trabalhos publicados na área, esse projeto experimental tem a intenção de ressaltar a realidade nacional de constante busca por eficiência e evolução no ambiente escolar.

## Referências

AGUIAR, Cláudio Luiz; PARENTE, Milena F.A.; PEREIRA, Ariane. Aplicação da educomunicação por meio do jornal impresso In: *Mídia Cidadã 2009 – V Conferência Brasileira de Mídia Cidadã*, 2009. Guarapuava. Anais. Guarapuava, 2009. p. 101-127.

ALTAFINI, Thiago. Cinema documentário brasileiro, evolução Histórica da Linguagem. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.pdf>>. Acessado em 18 de jun. de 2014.

ANDRADE, Victorio de Oliveira; CUNHA, Maria Lúcia da. A arte de escrever cartas e sua aplicação nas práticas escolares. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/linhadagua/images/arquivos/LD/espec/Andrade.pdf>>. Acessado em 15 de mai. de 2013.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 3ª ed. ver. Campinas, SP. Autores Associados, 2009.

CINEMA. In: *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo: Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1992. v. 5, p. 2442-2445.

DURHAM, Eunice Ribeiro; GOLDEMBERG, José; SCHWARTZMAN, Simon. A educação no Brasil em uma perspectiva de transformação: os resultados de um seminário. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior, Universidade de São Paulo, Junho de 1993. Disponível em <<http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9305.pdf>>. Acessado em 16 de jun. de 2012.

FONSECA, Maria Angélica Ferreira. O papel do professor. Internet. Disponível em <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/papel-professor-repensando-pratica-pedagogica-rumo-educacao-qualidade.htm>>. Acessado em 20 de mai. de 2013.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zhar, 2008.

OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.



PUCCININ, Fabiana. Jornalismo online e prática profissional: questionamentos sobre a apuração e edição de notícias para web. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/puccinin-fabiana-jornalismo-online-pratica-profissional.pdf>>. Acessado em 13 de abr. de 2014.

ROCHA, Maria Alice Pereira. Intercâmbio Cultural Minas em Prosa e Verso, metologia completa do projeto. Buritizeiro, MG. 2006.

SOARES. Ismar de Oliveira. Educomunicação: o profissional, o conceito, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

TARSO, Sávio; CARVALHO, Tatiana. O uso do documentário como possibilidade dialógica e de interferência no ensino de jornalismo de televisa. Minas Gerais, p. 04.

VELOSO, Valdivan. A Cura pela Fé. Faculdades Integradas do Norte de Minas. Montes Claros, 2011.

ZADONADE, Vanessa, FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis. 2003.

#### Fontes

RIBEIRO, Filipe. Entrevista realizada por Larissa Rayan Pereira Rocha, no dia 27/04/2013, em Belo Horizonte (MG).

ROCHA, Maria Alice Pereira. Entrevista realizada por Larissa Rayan Pereira Rocha, no dia 03/12/2012, em Buritizeiro (MG).

SANTOS, Danniella Carvalho dos. Entrevista realizada por Larissa Rayan Pereira Rocha, no dia 23/04/2014, em Buritizeiro (MG).

SEVERO, Valéria Medeiros. Entrevista realizada por Larissa Rayan Pereira Rocha, no dia 05/04/2014, em Belo Horizonte (MG).